



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da União Operária Nacional  
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Cambro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Talhoba - Lisboa - Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A PATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## LÉRIAS! LÉRIAS! LÉRIAS!

# Entretanto, o consumidor vai sendo roubado e envenenado

Anunciou o governo severas medidas de rigor contra os ladravazes assambarcadores, os quais além de virem envenenando impunemente os consumidores, estão de dia para dia tornando a vida mais difícil. Apesar disso, verifica-se que o preço dos géneros sobe ininterruptamente, talvez porque os exploradores do povo tem a plena segurança de que os governantes só com palavras os molestam, e eles bem sabem que palavras leva-os o vento.

Se os trabalhadores, num legítimo direito de defesa, tentam colocar-se em condições de fazer face ao exorbitante custo da vida, recorrendo, para esse efeito à reclamação de aumento de salário, os governantes, e a imprensa que sistematicamente os defende, apodam-nos de perturbadores da ordem pública, e o menos que lhes sucede é irem parar à cadeia, quando não são mandados para a África.

Os ladrões do sangue do povo, pelo contrário, não só não vão para a cadeia, como se lhes permite ainda que continuem enriquecendo à custa da miséria pública.

Todos os dias as gazetas noticiam apreensões de géneros que escasseiam no mercado e que os assambarcadores retem para promover a sua alta, muitos desses géneros podres pela longa permanência nos armazéns.

Não se viu, porém, que o governo, que com a maior facilidade faz prender os operários, mandasse meter na cadeia um só daqueles bandidos, que dá uma justa ideia da justiça com que procede para com uns e para com outros.

## A IMPRENSA E A CARESTIA DA VIDA

Quando, no ano de 1918, a organização operária se entregou a um labor extenuante contra a carestia da vida, procurando ordenar esforços e criar energias, a fim de que bem vigorosa resultasse a sua campanha contra o viver caro e difícil, a imprensa censuradora dos interesses burgueses, que agora se desentranha em tributos ataques aos assambarcadores e acentua a necessidade de se baratarem os géneros de mais largo consumo, não secundou esse movimento, não lhe manifestou a sua simpatia, o que era em flagrante contradição com a sua atitude de hoje.

Não revestiu a Central dos Sindicatos a sua campanha contra a revolução, de quaisquer intuídos revolucionários, precisamente para que não pudessem acusar de querer aciar o país em convulsões sangrentas, — de que o país estava certo devido à perpétua discórdia política — e ainda para que não se lhe atribuisse a responsabilidade a quem assustava o fantasma do socialismo revolucionário, criado pela insistente campanha propagandística das classes burguesas, e dessem confiadamente prestar a sua colaboração. Foi obedecendo a este critério que a U. O. se dirigiu aos poderes centrais várias vezes, fazendo-lhes a dolorosa situação em que se encontravam as classes trabalhadoras e reclamando medidas urgentes e eficazes que atenuassem um tal estado de coisas. A Central dos Sindicatos, animada de intuídos conciliatórios, desejando manter tranquilamente se deliberasse sobre a situação económica do país, prolongou o seu movimento durante alguns meses, reservando o empre como último recurso o encaminhamento às multidões.

Todavia, apesar da sinceridade da campanha da U. O. N., dos seus propósitos de combater a carestia da vida, a imprensa burguesa, que agora tam enérgica quanto ataca os assambarcadores, desconhece, então, ou simulava desconhecer, que a imprensa operária se empenhava no combate à carestia da vida, que as classes operárias a miude reuniam nos respectivos sindicatos, a fim de deliberarem sobre a atitude a adoptar. Exceptuando um ou outro artigo de gazetas de circulação importante, que o faziam pela necessidade de dar uma satisfação à opinião pública, dos jornais defensores dos privilégios e prerrogativas das classes até hoje dominantes, não veio o menor incitamento ao movimento da U. O. N., nem feriu, ao menos, a nota de que ora justo e de que todo o país trabalhador se devia dedicar ao que ao grande inimigo interno, os mais prejuízos causou do que os fictícios inimigos externos: — os assambarcadores.

Porém, se com indiferença foi tratado, pela imprensa burguesa, o movimento nacional contra a carestia da vida promovido pela União Operária Nacional, quando atravessava o seu período pre-

paratório e apresentava sintomas iniludíveis de querer alcançar o seu objectivo evitando o mais possível lutas que acarretariam inúmeros sacrifícios, já o mesmo se não pode dizer quando esse movimento teve o seu complemento: — a greve geral de 18 de Novembro.

Então, quando do malogro dessa greve, provocado pela pressão brutal do sidonismo, pelo silêncio imposto às massas pelas baionetas e canhões do governo republicano-burguês saído da revolução de Dezembro, quando centenas de homens eram arremessados para cárceres imundos, a imprensa capitalista não só não protestou, fazendo justiça a esse movimento — que constituiu uma página de ouro na história da organização operária, página de ouro manchada pelo sangue dos operários fundados em Montemor-o-Novo e pelos sofrimentos infernais dos camaradas deportados para as plagas longínquas da África — mas ainda atacou cobardemente a organização sindicalista, insultando-a ferozmente naquele momento em que vertia sangue de mil feridas, despejando sobre os militantes operários os habituais epítetos de *meneurs* e agitadores profissionais, e acusando-os de vendidos aos vários outros que, há bem meia dúzia de anos, todas as nações e partidos políticos existentes no globo terráqueo despejam sobre este pedaço do ocidente europeu, de que parecem depender os destinos da Humanidade...

Os jornais burgueses, então, insultaram, abocanharam. Eles, que agora tam ardentemente atacam os assambarcadores, apunhalaram traiçoeiramente, pelas costas, em 1918, a organização operária, que um ano lutara enérgicamente contra o viver caro, exigindo a cada momento, dos governantes, o barateamento dos géneros de primeira necessidade.

Agora — que irrisório! — é essa mesma imprensa, então tam indifferente à situação económica do povo, que se empenha no combate aos especuladores, reclamando a adopção de medidas que um pouco aliviem a atmosfera de fogo que se respira!

Queríamos acreditar nas boas intenções dessa imprensa, na sinceridade das suas cotidianas afirmações; mas não o podemos fazer, porque ainda não esquecemos o movimento de 1918, porque há camaradas nossos que ainda hoje sofrem de males então adquiridos no cárcere, porque nos recordamos de que Sidónio Pais recebeu os aplausos de uns órgãos burgueses e o silêncio de outros, que representava uma aquiescência, quando, com fúrias de epilético, se lançou, acompanhado dos seus sequazes, contra a organização sindical dos trabalhadores portugueses.

## C. G. T. Toma hoje posse o Comité Confederal

São convidados os camaradas que constituíram o Comité Confederal da C. G. T.: Manuel Joaquim de Sousa, pela indústria do calçado, couros e peles; Miguel Correa, pelos ferroviários; José Carvalhal, pelos marítimos; Alfredo Neves Dias, pelos gráficos; Alfredo Lopes, pela construção civil; Francisco Viana, pelas Unões de Sindicatos; e Joaquim de Sousa, pelos metalúrgicos, a reunir hoje, terça-feira, às 21 horas, na sede confederal, para tomarem posse, que lhes será dada pelo signatário, na qualidade de presidente da última sessão do II Congresso Operário Nacional, devendo assistir ao acto os componentes da Comissão Administrativa da extinta União Operária Nacional, que por este meio são igualmente convocados.

Manuel da Conceição Afonso  
(Da Federação do Livro e do Jornal)

Convidam-se os camaradas de Lisboa, que secretariaram as sessões do II Congresso Operário Nacional, a virem hoje, pelas 21 horas, à sede da Confederação Geral do Trabalho, a fim de entregarem os documentos ou actas que tenham em seu poder.

## Opinião dum tolstoiano

O correspondente do *Daily Herald* em Genebra entrevistou Paulo Birukoff, amigo íntimo e biógrafo de Tolstói. Birukoff esteve na Rússia de Novembro de 1918 a Março de 1919:

«E' injusto, afirma ele, responsabilizar os bolcheviques pela carestia, resultado das restrições ocasionadas pela guerra. Pelo contrário, eles esforçam-se por remediar o estado de coisas que lhes foi legado.

«São actos de violência, mas é absolutamente falso que sejam a característica do regime, que se vê obrigado a defender-se contra uma oposição extremamente violenta. Nas regiões onde aparece Kolchak praticam-se mais atrocidades indizíveis que as que os bolcheviques possam, não cometer, mas sonhar!»

Birukoff ri-se da formidável balela da «socialização das mulheres» e manifestou a sua indignação contra a tentativa de estrangulamento do trabalho de emancipação da Rússia nova, que está baseada na cooperação voluntária. «Acabo de saber pela imprensa, afirmou ele, que a Entente prepara um novo crime, alijando na Alemanha centenas de milhares de prisioneiros russos para os mandar reforçar o exército de Denikin».

## A mecânica na agricultura

No dia 30 realizam-se experiências no Tojal

Como noticiamos, no próximo dia 30 realizam-se no Tojal demonstrações agrícolas em que trabalharão vários tractores Holt e Lousou. O ministro da agricultura, que tem tomado grande interesse pela introdução da cultura mecânica em Portugal, conseguiu um comboio especial para esse dia, devendo o embarque efectuar-se no Terreiro do Paço às 6 horas.

Nesse comboio, que parará nas principais estações, tomarão lugar todos os técnicos e funcionários a quem as experiências interessam, assim como os lavradores e outras pessoas que solicitem bilhetes, quer no ministério, quer na casa organizadora das demonstrações, na rua do Alecrim, 10, 3.º

## NA HUNGRIA

O medo ao bolchevismo

PARIS, 16. — Na Hungria serão organizadas pelas missões aliadas corpos de gendarmaria com recio de que volte a ofensiva bolchevista. — H.

## II CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL DOCUMENTOS APROVADOS:

Parceres sobre as teses: «Operários fardados», «O produtor coerente nos crimes capitalistas», «Lei das Associações», «Criação dum diário sindicalista no Norte», «Actos anti-sociais» e «Criação dum cofre de resistência em caso de greve».

Foram discutidos a esta sub-comissão os seguintes trabalhos: Tese da associação dos Pedreiros de Lisboa, sobre *Operários fardados*; tese da associação dos Estofadores do Porto, com o título *O produtor coerente nos crimes capitalistas*; tese da 2.ª secção da U. O. N., sobre a lei das associações; tese da associação dos fiandeiros do Porto, sobre a criação de um diário sindicalista no Norte; tese da Liga das Artes Gráficas do Porto, sobre a prática de actos anti-sociais e a imprensa operária; dos Curtidores de Sola e Artes Correlativas de Alenquer, sobre a criação de um cofre de resistência em caso de greves.

Acha esta sub-comissão muito judiciosas as considerações feitas na tese da Associação dos Pedreiros. Termina este trabalho pelas seguintes conclusões:

1.º Reconhece o Congresso vantagem em que a organização operária crie a instituição do subsídio ao soldado, com o fim de manter o estímulo e a solidariedade entre os operários sindicados que são chamados a vida militar, para com as reivindicações levadas a cabo pelos sindicatos.

2.º Depois de instituído este organismo, e no caso de perseguição aos nossos camaradas fardados, devem o Conselho Jurídico e a imprensa operária tomar a sua defesa activa, além da acção exterior que manifesta o sindicato a que esse camarada ou camaradas pertencem.

3.º Deve a futura Central dos Sindicatos portugueses tomar a seu cargo a criação desta instituição, ou deve caber essa missão às federações de indústria?

4.º Estando a receita dos sindicatos já absorvida pelos vários organismos já criados, e também indispensáveis, deve-se estabelecer uma cota mensal suplementar a cada associado, ou deve-se tirar uma percentagem da cobrança total de cada sindicato?

Esta sub-comissão é de parecer que o Congresso deve responder afirmativamente ao primeiro e segundo quesitos. Quanto ao terceiro, é de parecer que a criação da instituição *O Vintem do Soldado* é da competência da C. G. T. e não das Federações de Indústria. Quanto ao quarto quesito, somos de parecer que ao comité confederal deverá ser apresentado o assunto a fim de sobre ele se pronunciar, depois de colhidos os elementos indispensáveis que o habilitem à realização da citada instituição.

A tese da associação dos Estofadores do Porto, termina com as seguintes conclusões:

1.º Que todos os indivíduos abrangidos pela exposição feita e que exerçam a sua actividade em oficinas, armazéns ou locais de produção, terão o dever de fazer constar a sua associação de classe, sindicato ou união local, qualquer produto ou venda de géneros que seja nocivo ao organismo humano.

2.º Que as artes gráficas seja pedida toda o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possam prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes.

3.º Que as organizações operárias que tenham conhecimento da produção ou venda de géneros que afectem a saúde do consumidor, consigam por todos os meios evitar que essa mesma produção ou venda se realize, devendo tomar na devida atenção os interesses materiais dos indivíduos que forem vítimas da sua dedicação para com o consumidor.

Está esta sub-comissão inteiramente de acordo com estas conclusões, visto que acha este assunto dum elevado interesse moral para a organização operária e dum real benefício para todos os consumidores; lembramos, porém, que os interesses materiais dos camaradas que porventura pela sua desinteressada atitude forem vítimas da perseguição patronal, deverão ser tomados pela organização operária na devida atenção. Somos, portanto, de parecer que o Congresso deverá aprovar, em princípio, as aludidas conclusões, procurando torná-las uma prática realidade.

Entende esta sub-comissão que é de boa doutrina sindical o não reconhecimento, em princípio, da necessidade do benefício do Estado respeitante ao estatuto que regula o funcionamento dos sindicatos profissionais. No entanto não julgamos de boa tática que os sindicatos não tenham os estatutos referendados pelo poder central, visto que este, a pretexto desse facto, julgar-se há

## Eles aí estão!...

Parece que aos social-democratas de O Combate, defensores de um socialismo pequeno-burguês, próprio para sa-lões, não agradou o nosso *suelto* de anteontem a propósito do espanto com que pelo órgão da travessa da Boa Hora foi recebida a promulgação da lei das 8 horas. Assim, em editorial-caspié! — atira-se a nós como Santiago aos mouros, ainda que... á boa paz.

Ora a verdade é que o governo do sr. José Relvas, estabelecendo o dia de 8 horas, não fez mais que satisfazer uma aspiração da classe trabalhadora, tanto mais que então se atravessava um período em que claramente se afirmara que, sem o apoio dela, as actuais instituições teriam baqueado perante as balas saídas das escopetas dos defensores da realidade. O governo dessa data, ou o sr. Dias da Silva, que a ele fôra guindado pelos acasos das revoluções de Santarém e Monsanto, sem que para aqueles cargos tivesse qualquer dos requisitos necessários, além do de sr. bom rapaz... inerente a todos os ministros, não fez nenhum favor à classe operária. A concessão — chamemos-lhe assim — das 8 horas, representou naquele momento em que as classes proletárias não conquistaram o poder porque não quiseram, uma habilidade, uma válvula para dar saída à demasiada pressão existente na sociedade portuguesa.

Além disso, de pouca monta é que no *Diário do Governo* tenha saído em letra redonda um arrazoado determinando que o operário não deve trabalhar mais de 8 horas. Se ele não fizer com que isso seja um facto; se, pela acção directa, não exigir dos patrões o cumprimento da lei, esta, como tantas outras para aí promulgadas, nada será neste mundo, tendo servido unicamente para enegrecer um pouco de papel e dar azo a difrámbicos elogios ao sr. Dias da Silva e à sua... obra.

A comprovar a nossa asserção, basta citar o que sucedeu com a classe gráfica. Estabelecida por lei a jornada de 8 horas para as indústrias insalubres, aquela classe foi como tal considerada por lei especial. Pois para que essa determinação fosse um facto, preciso foi que os gráficos lutassem durante muito tempo com os patrões, indo até à greve pois, de contrário nada estaria feito, não se importando os governantes com que as suas determinações fossem ou não cumpridas.

Agora, sucederá o mesmo. Se o proletariado não lutar decididamente pela efectivação do dia de 8 horas, temos a certeza de que o sr. Sá Cardoso ou os seus futuros sucessores não farão cumprir a lei, não obrigarão os industriais a curvar-se perante ela.

Esta é que é a verdade, que *O Combate*, ainda que pela boca do sr. *Cademe* — que na sua bagagem de ex-democrático tem bom fornecimento de chavões reformistas, que antigamente tinham efeito seguro — não conseguirá contestar.

## Os prisioneiros alemães

O ministro dos estrangeiros está tratando do seu repatriamento

A bordo do vapor *Funchal*, chegaram ontem 10 ex-prisioneiros alemães, que se encontravam na Ilha Terceira, tendo sido mandados apresentar no ministério da guerra.

A exemplo do que fizeram os outros países aliados, o ministro dos negócios estrangeiros está cuidando da forma de realizar brevemente o repatriamento de todos os alemães que foram internados em Angra do Heroísmo, tendo incumbido da realização dos trabalhos preparatórios do repatriamento, o capitão tenente da armada Jaime de Sousa, membro da sub-comissão do tratado de paz, que hoje parte para os Açores.

O trabalho nos merece, não pode pronunciar-se devidamente, atendendo ao seu carácter muito particular.

Quanto ao segundo ponto, somos de parecer que o Conselho Jurídico o deve estudar, visto ser assunto da sua especialidade.

Coimbra, 16-9-1919. Sala das sessões do II Congresso Operário. — F. Rodrigues Loureiro, Manuel C. Afonso, António Mananças e João Pedro dos Santos.

## PRENDER, PRENDER...

Os governos às vezes praticam actos inconcebíveis. Um deles é o de perseguir os que tem o impudor de dizer a verdade a quem os quiser escutar.

Os camaradas António Peixe e Cristiano de Lima tem o hábito insuportável de dizê-la. Vai daí o Dionísio, que é sargento e decerto um patriota ardentíssimo, ao ouvir umas pequenas referências ao brioso exército, teve um gesto que o *Século* ou a *Vitória* reputariam de nobre e prendeu os indisciplinados.

A assembleia que teve a ousadia de escutar aqueles camaradas, protestou! Mas qual protesto! nem meio protesto o Dionísio é muito esperto e não se convence assim. Para que é ele uma autoridade, senão para prender? Portanto, prendeu, pronto! Prendeu porque é necessário exterminar todos esses canalhadores do exército que dizem não ser eles mais do que uma percentagem razoável de vadios que só servem para matar, matar... e encarecer cada vez mais o pão porque é o defensor a «outrance» do assambarcador ou do galo que possuía um bom par de contos a render.

«No exército nem com uma flor».

«Nos assambarcadores nem com uma vareta de ouro». E há ainda quem tenha o descaramento de lhes bater com palavras!

Preparam-se jovens para fortalecer os sindicatos. Toda-a-gente sabe que da maior ou menor força desses sindicatos depende o maior ou menor conforto do povo, porque os sindicatos agarram-se às canelas do assambarcador com quanta força tem.

Pois os governos, que alto e em bom som prometem empregar toda a sua exergia em reprimir a ganância capitalista; pois os governos retinamente republicanos, começam pela repressão dos expoliados, dos que não conseguem meia dúzia de cédulas velhas para comprar dois ossos em qualquer talho.

Os governantes são inteligentes, creiam.

E' necessário agir poderosamente contra os detentores do nosso estômago? Vamos a prender os esfaimados. Ali a ferros, seus canalhas! Não se pode dizer o que os governantes clamam no parlamento — é preciso acabar com a ganância!

Prende-se todo o mundo. Prende-se quem protesta, prende-se quem está calado, prende-se o pai, a mãe, o filho, o gato, o piriquito; prende-se tudo.

E eu, em vez de agarrar num sólido marmeleiro e ir ali à esquina sovar o merceeiro que me sonega o açúcar, fico-me preso em casa à espera que os governos prendam o exército inteiro, os assambarcadores e acabe por se prender a si próprio.

Mário DOMINGUES

## A UKRANIA

protesta contra o general tsarista Denikin

PARIS, 17. — O presidente da delegação ucraniana na conferência da paz, dirigiu uma carta a Clemenceau participando-lhe que contingentes de voluntários de cavalaria do general Denikin atacaram as tropas ucranianas do general Petliura.

A delegação protesta contra o acto de Denikin, dizendo que ele abusou do concurso da Entente para penetrar no território ucraniano a fim de restabelecer o antigo império russo, destruir a república ucraniana e esmagar o povo. — H.

Ver na 4.ª página:  
**Folhetim — O Calvário**



## A CRUZADA SOCIAL

Eu não sei bem ainda o que pensam os indivíduos que há umas semanas vêm pedindo dinheiro aos operários para a realização, dizem eles, dum belo iniciativa. E não sei, porque ainda não vi em público um programa, um plano que pudesse habilitar-me a julgar, bem ou mal, da instituição referida.

Sel, porém, e isso tenho lido nas notícias dos jornais, que se trata de uma *prestinosa e altruista* corporação, segundo os seus poucos propagadores, é altamente necessária e imensamente útil pelos benefícios que traz para a classe operária. Mas isto não basta. Eu desejo saber mais. É preciso que os organizadores da "Cruzada" nos digam até onde pensam ir e o que querem fazer.

Será boa, será realizável a empresa?

Sei que a resposta é afirmativa. A empresa tal como a tem mostrado é bastante complexa e difícil.

Quem consultaram os seus organizadores para a pôr em prática?

Como pensam eles obter o numerário indispensável, e que entidade figura como garantia da cotização dos subscritores?

Não vejo um ataque nas minhas observações. Não conheço bem a empresa, e creio que ninguém a conhece, e é exactamente por isso que desejaria ver a coisa bastante clara porque, mesmo não a conhecendo, a suponto importante.

Querem os organizadores da "Cruzada Social", segundo dizem num prospecto que agora me chega às mãos, levar à prática "a criação dum posto de socorros e uma enfermaria modelo — a Casa de saúde do proletariado português".

Vejo, portanto, que dum estabelecimento de saúde se trata, e, conquanto não reputo a empresa de primeira necessidade no presente momento, não deixo, todavia, de lhe reconhecer utilidade, pois tem-na todas as empresas deste género.

Mas a par da pequena utilidade que sou forçado a reconhecer-lhe, não vejo a possibilidade de organização da "Casa de saúde".

Criação dum posto de socorros e duma enfermaria modelo, diz o prospecto. Ora devemos confessar que não é de postos de socorros que nós mais necessitamos. As instituições desse género já existentes são suficientes, a meu ver, para execução do trabalho que lhes está confiado. E não me são bem que digamos pretender tratar dum posto de socorros operário, pois não compreendo que fossemos socorrer um operário atropelado, por exemplo, deixando morrer o patrão que igualmente tivesse sido vítima de qualquer desastre.

Efectivamente, os serviços de saúde são, entre nós, péssimos, mas os serviços médicos, os serviços hospitalares. E então sim. A iniciativa seria proveitosa, criando hospitais onde os operários, que são os que a eles recorrem e a eles necessitam, encontrassem um tratamento perfeito e completo, que não lhes proporcionam os hospitais do Estado.

Quanto supõe ela ser necessário para a criação da "Casa de saúde" nestas condições?

Quanto calcula que o Estado gasta com os deficientísimos serviços hospitalares?

Julga possível a "Cruzada Social" amontoar dois ou três mil contos para poder, efectivamente, dar execução à projectada obra?

Limite-me a formular as perguntas a que gostaria que a comissão respondesse.

E continuo a ler o prospecto por ela distribuído.

"Inscrivei-vos como sócios — diz — pois dela depende a vossa força moral e activa em prol desta organização genuinamente operária e colectivamente adequada".

Permitam-me que confesse, com a maior franqueza, que não percebo o que dizem. Mas parece-me, pela frase última do período transcrito, que se trata, simultaneamente, dum organismo colectivo e educativo.

E porque não consigo perceber, por mais esforços que faça nesse sentido, quais os fins da "Cruzada" e que meios ela pensa seguir para os atingir, furto-me a maiores comentários, que terei muito gosto em fazer logo que veja esclarecidos os pontos que apresento e que, repito, se me afiguram bastante obscuros.

E, terminando pelo princípio, volto a lembrar que isto de pedir dinheiro para determinada empresa requer sempre muito escrúpulo, muito cuidado e muita clareza.

G. GONÇALVES

## Reunião de cooperativas do concelho de Alameda

Reuniram ontem em sessão conjunta as direcções das Cooperativas Alamedense, Piedense, Fimil, 10 de Abril de 1918 e União Bransense, que em nome de 1000 pessoas, vão hoje, junto do sr. ministro das finanças, protestar contra o imposto de 5% lançado sobre as Cooperativas.

Com esta medida vem o governo dificultar mais a vida das Cooperativas agravando assim a situação económica das classes operárias, precisamente num momento em que é necessário combater o assombração.

## Agressões e queda

Recorreu curativo no posto do Terreiro do Paço, Joaquim Nicolau, 22 anos, descar, residente no Poço do Bispo, rua José Patrocínio, que, em Braço de Prata, foi agredido a cacetada ficando ferido na cabeça.

Recorreu curativo na casa de João Figueiredo, residente na calçada do Castelo Pêgo, que, na Sociedade da Matilha, na calçada da Glória, deu uma queda, fracturando o braço direito e a mão esquerda.

Recorreu curativo na casa de João Figueiredo, residente na rua de S. Paulo, 280, 3.ª, que, na Ribeira Nova, foi agredido com uma facada nas costas.

## INDUSTRIA DE CALÇADO, COUROS E PELES

# Ainda o seu II Congresso

Presidiu à segunda sessão o camarada Julio de Campos, secretariado por Francisco Xavier Pereira e José de Almeida.

Antes da ordem foi aprovado um protesto contra a expulsão do país do camarada Parente, resolvendo-se reclamar a anulação de tal medida.

Entraram em discussão os estatutos da Federação, tomando parte nela todos os delegados, ficando o organismo federal com o título seguinte: "Federação da Indústria de Calçado de Couros e Peles em Portugal e Colónias".

A discussão dos estatutos levou toda a sessão, que terminou às 9 horas, marcando-se a 3.ª sessão para o dia seguinte às 9.

Efectivamente às 9 horas abriu a 3.ª sessão presidida por Manuel Inácio Horta, secretariado por Agostinho Matos e João Magalhães. Procede-se à chamada, verificando-se estarem presentes todos os delegados. Antes da ordem é lido um telegrama da Batalha saudando o Congresso. Entra-se na ordem dos trabalhos pela leitura da tese, "Uniformidade de salários" sobre a qual o camarada Manuel Caetano de Sousa, que manda para a mesa uma exposição sobre a forma de ver do sindicato que representa, Agostinho Matos, que apresenta uma proposta sobre a doutrina da tese, discordando dela. Manuel Joaquim de Sousa e outros delegados pelo que o proponente retirou a proposta. Falam ainda sobre a tese João de Campos e Bento da Cruz propondo este último uma emenda ao n.º 4 que é aprovada.

Fazem depois várias considerações ao documento em discussão os camaradas Manuel Joaquim de Sousa, Norberto Teixeira de Carvalho e Jerónimo de Sousa membro da comissão. Foram aprovadas as conclusões da tese, com a emenda de Bento da Cruz, sendo interrompida a sessão por duas horas. Às 14 horas volta a fazer-se a chamada verificando-se estarem presentes todos os delegados. É comunicado ao congresso o texto do telegrama enviado ao governo reclamando a liberdade de presos por questões sociais e anulação do decreto de expulsão de Artur Parente. O camarada Norberto Teixeira de Carvalho, ficou incumbido de apresentar uma salvação do congresso ao da construção civil.

Entra-se na ordem dos trabalhos: discussão da tese. O emprego da mulher na indústria de Calçado. Fala em primeiro lugar Felisberto Batista que louva o trabalho levado a efeito pelo autor que bem demonstra o seu espírito estudioso, mas julga ser necessário acrescentar à conclusão 1.ª o seguinte, e intensificar a propaganda de forma a fazer ingressar as mesmas no sindicato, aceitando a comissão esta emenda por estar de acordo. Silva Campos propõe uma emenda à 2.ª conclusão que é aprovada.

A discussão generaliza-se a todos os delegados, sendo aprovada com as emendas de Felisberto Batista e Norberto Teixeira de Carvalho.

Seguidamente procede-se à leitura da tese "A mecânica na indústria de calçado" que foi apresentada no I.º Congresso. Discutida na generalidade chega-se à conclusão de que o congresso não está preparado para tratar do assunto, apresentando Norberto Teixeira de Carvalho a seguinte moção, que é aprovada por unanimidade: "O Congresso, reconhecendo que a tese sobre a mecânica na indústria de calçado não se encontra de molde a satisfazer as necessidades e aspirações do momento actual, resolve entregar à Federação o estudo da questão a fim de ela poder aproveitar o que tenha de útil".

A mesa da 4.ª sessão é composta por Bento da Cruz, Manuel Caetano de Sousa e Manuel da Silva Campos.

Os delegados dos fabricantes de calçado de fãncaria do Porto comunicam ao congresso que as duas associações resolveram fazer a fusão sendo esta notícia recebida com entusiasmo, votando-se uma salvação nos componentes das duas associações fazendo votos para que a fusão se efectue o mais depressa possível.

O presidente depois de saudar o Congresso anuncia a ordem dos trabalhos que é a apreciação dos documentos

apresentados durante o congresso. Serão os Anjos faz as seguintes perguntas ao congresso: 1.º Tendo sido votada a federação de indústria e seus estatutos para levar à prática alguma coisa útil para a indústria de calçado, couros e peles, haverá conveniência em que seja publicado um órgão da Federação para tratar dos problemas que possam interessar de momento a classe em geral? 2.º Em caso afirmativo como há de ser posto em prática este alvitre? 3.º Terá mais conveniência em sair em Lisboa por ser aí a sede da Federação ou no Norte? Respondem a estas perguntas Jerónimo de Sousa e Diamantino do Nascimento, membros da comissão organizadora, que mostram a importância de tal publicação, falando ainda sobre o assunto Oliveira Mendes, Norberto de Carvalho, João Campos, Jerónimo de Sousa e Silva Campos. Matos propõe uma cota de 1 centavo por sindicato para a publicação do órgão o que é rejeitado, ficando assim que quando o conselho federal achar oportunidade ponha em prática a sua publicação.

Manuel Caetano de Sousa apresenta uma proposta para criação de um comitê de solidariedade, baixando o seu trabalho federal para estudo. José de Almeida, Alberto Rodrigues e José Pais apresentam a seguinte moção, que é aprovada por aclamação: "O Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles, ao encerrar os seus trabalhos sauda as camaradas da Rússia e dos outros países do oriente, que num sublime gesto de revolta destruíram para sempre o velho e carcomido regime capitalista que nos oprime, e lança o seu mais veemente protesto contra o bloqueio e intervenção dos aliados, exercidos contra os nossos irmãos do oriente que arduamente lutam pela conquista definitiva da Terra e da Liberdade". Agostinho Matos apresenta um documento tratando do atraso da indústria de couros, que ficou para a Federação estudar. Bento da Cruz apresenta a seguinte moção: "O II Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles ao encerrar os seus trabalhos sauda todos os operários desta indústria e faz ardentes votos para que toda a organização faça o máximo esforço para dar cumprimento às resoluções tomadas, dispensando toda a energia para, de comum acordo com a restante organização operária no mais curto prazo de tempo exterminar a presente sociedade capitalista, e em seu lugar edificar uma sociedade que tenha por lema: o Bem, a Paz e o Amor". Esta salvação foi aprovada entusiasticamente.

Procede à leitura do relatório e contas da comissão organizadora, resolvendo-se que cada sindicato pague uma cota suplementar de 1515 para cobrir o déficit.

Pais e Norberto saúdam o congresso e a comissão organizadora, agradecendo esta a todos os congressistas a sua cooperação no sentido de se fazer trabalho útil como julga ter-se feito.

Procede-se à nomeação da comissão administrativa que ficou composta de Jerónimo de Sousa, Amantino Nascimento e Silva Campos, ficando a nomeação dos restantes membros da comissão para ser feita no conselho federal. Norberto de Carvalho propõe que, atendendo a que está reorganizada a Federação, ela se faça representar no Congresso Operário Nacional, pelos congressistas Jerónimo de Sousa, Amantino Nascimento e Silva Campos.

O camarada presidente comunica estar presente no congresso o representante dos sapateiros e tamanqueiros da Póvoa do Varzim, e pergunta ao congresso se deve convidar esse camarada a fazer uso da palavra, manifestando-se o congresso com uma salvação a esse camarada, esperando que a sua associação dê a adesão à Federação. É lido na mesa um telegrama dos operários e empregados da indústria, de Setúbal, saudando o congresso.

Bento da Cruz encerra o congresso, depois de todos os delegados trocarem as mais íntimas saudações, no meio de grande entusiasmo.

Para realização do próximo congresso foi escolhida a cidade de Tomar.

Hoje reúne, às 21 horas, a comissão organizadora para dar posse à comissão administrativa da Federação.

esteve conferenciando com o chefe do governo o sr. Artur Cohen.

Uma comissão de operários das minas de S. Domingos, que por ocasião da greve ferroviária haviam sido chamados para atirar ao justo movimento, nas oficinas da Companhia Portuguesa, esteve ontem no ministério do interior pedindo providências contra o facto de serem frequentemente censurados pelo antigo pessoal das mesmas oficinas. O sr. Sá Cardoso prometeu entender o seu manto protector sobre os amarelos.

Uma "apreensão" singular

Ainda sobre este caso, devemos declarar, com a lialdade que sempre orientou a conduta deste jornal, que, em vista da contestação apresentada pelo ex-cabo do batalhão de caminhos de ferro José António Lagarto contra a acusação de que nos fizemos eco no nosso número de 4 deste mês, convidamos o acusado e os declarantes a vir a esta oficina para que o caso fosse devidamente esclarecido e confirmado ou destruída a acusação.

Da acareação aqui realizada ontem entre as duas partes não se demonstrou que os armobramentos na estação do Rossio tivessem, de facto, sido levados a efeito pelo seu indigntado autor, o qual manteve a sua negativa, que não foi destruída, muito embora confessasse que bebera vinho e aguardente, cuja proveniência ignorava, segundo declarou.

A navalha em acção

No mercado de Belém foi ontem agredido com uma facada no pescoço, José Simões Belém, rua da Praia de Pedregosa, 11, sendo levado ao posto da Cruz Vermelha.

O faustista, Rui da Costa Vêga, rua da Boa Vista, 8, 2.º, foi preso.

Foi preso Manuel Esteves, rua de S. Paulo, 270, 1.º, por no mercado de Peixe, agredir com uma facada José Nunes Góes, rua da Glória, 184, 4.º, que foi levado ao posto da Cruz Vermelha.

A comissão de melhoramentos da classe ferroviária, voltou ontem a procurar o presidente do ministério para tratar ainda do caso do pessoal suspenso por motivo da última greve. Os comissionários foram recebidos pelo secretário sr. Alberto Meireles. Sobre as reclamações dos ferroviários também

## ABATALHA

TEATRO S. LUIZ  
A popular e divertida revista  
O pé de meia  
Uma "auspiciosa estreia"  
Teve Valverde em Lisboa:  
Medalha de ouro — Ganhou a  
A. Vêga e P. da Meia.  
Em indumentária de  
Nos colegas um bigode!  
Como César dizer pode  
Que chegou, viu e venceu!

## Pro-"AVANTE!"

O operariado continua controlado com o seu esforço para o reaparelhamento do diário operário da tarde

Não tem os trabalhadores esquecido as vantagens que para eles trazia a publicação dum jornal operário da tarde. Num cidade como Lisboa, onde uma dúzia de jornais burgueses se publicam diariamente, é realmente de grande necessidade a edição de um jornal que, defendendo os trabalhadores das arremetidas da imprensa burguesa, ponha a descoberto as mentiras por esta propagadas no tocante à questão social. Por isso os trabalhadores tem accorrido com grande entusiasmo ao apelo de alguns camaradas para o reaparelhamento daquele nosso colega.

Anteontem effectou-se o anunciado passeio, promovido pelo Grupo Dramático e Musical Solidariedade da Construção Civil, a Linda-a-Velha, o qual decorreu animadíssimo, realizando-se um brilhante espectáculo no teatro da daquela localidade. A tuna tocou a *Internacional* e o hino de *A Batalha*, que foram cantados com indescritível entusiasmo. O nosso camarada Francisco Augusto Direitinho não realizou, conforme anunciámos, a conferência sob o tema "O teatro e a imprensa como factores da evolução social", por ter inesperadamente adoecido.

O produto total da festa foi de 30306,5, revertendo desta quantia 40804 para o *Avante!* e o excedente para o cofre do Grupo Dramático e Musical Solidariedade da Construção Civil.

Por este grupo tem sido tiradas as seguintes quotas:

Na sede do Grupo, 1224; Secção de Palma, 2570; Palma de Baixo, 2500; Centro Espanhol, 333; Quete tirada no Manicócio por António Mikarra, 3381; resto dum telegrama de salvação ao Congresso, 0520. Soma, 13526.

As importâncias recebidas a favor do *Avante!* são as seguintes:

Vendedores ambulantes, 2513; quete no Asilo Maria Pia, 2580; pela leitura do *Avante!* em Évora, 350; António Simões Branco, 550; Associação dos Cabouqueiros, 2500; Grupo Solidariedade Humana, 1390; quete de Armando Ferreira, 955; Carlos Vicente, 220; Raúl Lopes dos Santos, 920; presos da esquadra do Caminho Novo, 1540; presos do Limoeiro, 5570; quete aberta entre metalúrgicos, 2588; lista n.º 40, 445; Arsenio J. Filipe, 330; João Fonseca, 350; Conselho Maximalista da Graça, 3510; Francisco Pedro Marques, lista n.º 15, 4205; idem, lista n.º 12 e 13, 570; quete aberta no Manicócio, 1314; Manuel Ramalho, 250; António Marques, lista n.º 44, 2505; Francisco Pedro Marques, lista n.º 14, 1335; idem, lista n.º 16, 2500; António Manuel, 440; dois camaradas do Bairro Social, 250; quete aberta entre camaradas na Figueira de Foz, 1500; José Luis Rita, 250; quete na Associação dos Pedreiros e Estuadores, 3918; Pessoal da nova Morgue, 1355; Parque Eduardo VII, 2505; Congresso da Construção Civil, 4578; Bairro Social do Arco do Cego, 6881; Gomes Pereira "Avante", lista n.º 31, 22, 33, 34, 36 e 38, 16571; venda de flores no passeio à Senhora da Rocha, 3300; quetes tiradas pelo Grupo Dramático e Musical Solidariedade da Construção Civil, 13326; 50 % do produto da festa a Linda-a-Velha, 40904. Soma, 166820.

## A carestia da vida

O governo vai providenciar?

O presidente do ministério esteve conferenciando ontem de tarde com os ministros das finanças, agricultura e comércio, acerca da promulgação de várias providências tendentes a solucionar o problema das subsistências.

O sub-bacalhau inutilizado

O sub-delegado de saúde inutilizou ontem, na estação de Santa Apolónia, quatro fardos de bacalhau que do Valado foram reenviados para Alcantara-Terra aos correspondentes Pestana e Santos. A apreensão foi feita pelo fiscal Domingos Tomás de Oliveira.

Os armazens reguladores de preços

No armazem regulador de preços de generos de primeira necessidade, de Santa Maria, vendeu-se ontem cachucho, chicharro e ruivo, respectivamente a 48, 44 e 34 centavos o quilo, consumindo-se ao todo a importante quantidade de 58 quilos de peixe!

O açúcar pilé vendeu-se a 60 centavos. Aguardam-se remeças de açúcar para ser vendido por preço inferior.

No armazem do Terreiro do Trigo também se vendeu peixe da mesma qualidade, pelo mesmo preço, assim como açucar. Tanto num armazem como noutro venderam-se outros generos, como macarronete, etc.

## NO PORTO

A autoridade proíbe o comício da U. S. O. contra a carestia da vida — Várias

PORTO, 22. — A autoridade não permitiu o comício promovido pela União dos Sindicatos Operários, na alameda das Fontainhas. Os operários foram reúnir depois na sede da U. S. O., onde se aprovou uma moção de protesto contra a p. obição e contra os assassinos.

Na travessia do Porto, ganhou o primeiro prémio o sr. António Brailho dos Santos Júnior, delegado do club de Algés e Dafundo.

Morreu no hospital o menor Augusto da Costa, que na Torrinhia foi atropelado por um carro eléctrico.

Vindo do Gerez seguiu para Lisboa o presidente eleito, dr. sr. António José de Almeida. — H.

## Vida Sindical

Canteiros e Polidores de Móveis. — Reúnem-se a direcção deste sindicato tendo-se ocupado do balanceço referente aos meses de Janeiro a Agosto e tomando conta de diverso expediente entre o qual uma queixa contra cinco canteiros que trabalham nas obras das Cortes e que estão também trabalhando em obras particulares com prejuizo de camaradas que andam sem trabalho. Foi resolvido entregar este caso à comissão Inter-Sindical para inquirir do facto.

## CONVOCAÇÕES

Condutores de Carrocas. — Reúnem-se em sessão de propaganda, na associação de manipuladores de borracha do Beato. Usaram da palavra Maximiano Marques, Alberto Pendão e Joaquim dos Santos, que fizeram propaganda associativa e se referiram largamente ao dia de 8 horas, estando a classe disposta a ir até onde for necessário a fim de que seja cumprido o decreto que se estabeleceu.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. — Esta associação comunica que a viua do nosso camarada Sabino José David, foi entregue a quantia de 12808, produto duma quete realizada em vários navios.

Marceneiros. — Tendo terminado as subscrições para auxílio do cofre da associação, avisam-se todos os camaradas que tenham listas em seu poder que as devem enviar para a sede, no mais curto prazo de tempo, a fim de a comissão poder ultimar os seus trabalhos e dar contas à classe da receita e despesa referente ao ultimo movimento.

U. S. O. de Lisboa. — Hoje reúne a comissão administrativa deste organismo, para tratar de assuntos urgentes e inadiáveis.

Sindicato Único Metalúrgico. (Conselho Técnico). — Reúne hoje este conselho às 20 horas e meia, para tratar de vários assuntos de interesse colectivo e também da prisão do camarada Antonio Peixe.

(Comissão Administrativa). — Protesto enérgico contra a prisão do camarada Antonio Peixe assim como, também contra a continuação das perseguições governamentais, aos militantes operários.

Marceneiros. — Para tratar dum caso de máxima importância para a colectividade e muito urgente, reúne hoje a comissão de melhoramentos às 20 horas.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. — São convidados todos os marinheiros e moços, sócios e não sócios, a comparecerem à reunião de hoje, em 2.ª convocação, às 20 horas a fim de se tomarem deliberações de interesse para a classe e para a leitura do relatório do Congresso de Coimbra.

Sindicato Ferroviário. — É convocada uma reunião dos corpos gerentes, para amanhã 24, às 20.30. Pede-se a comparencia de todos sem falta.

## Léo Lapsisky

Como o governo português trata este cidadão russo

Há tempos chegou a Lisboa, vindo da União Sul Africana, o sr. Léo Lapsisky, advogado russo, acompanhado de sua esposa. Mal poz pé em terra, o sr. Lapsisky teve a dita de travar relações com a amavel policia indigena, que, sem mais nem menos, o prendeu como bokevista, conduzindo-o para o governo civil onde esteve alguns dias, saindo, por fim, em liberdade. Tentou o sr. Lapsisky, por várias vezes, sair de Portugal. Porém, devido ao ruído levantado em torno da sua pessoa, nas legações dos países estrangeiros negaram-se a visá-lo e o passaporte, pelo que foi forçado a continuar em Portugal.

Após de algum tempo, o sr. Léo Lapsisky começou a sofrer de sérias dificuldades económicas, pois estava num meio completamente desconhecido, de nada lhe servindo os seus vastos conhecimentos. Todavia, ao fim de muitos esforços, obteve colocação num escritório, onde ganhava o indispensável para se manter e a sua esposa. Contava, pois, ter a sua vida mais ou menos estabilizada, resignando-se a ficar neste país que tão mal o recebera, até ter recursos para seguir viagem e as alegações estrangeiras se resolverem a visá-lo e o passaporte.

Porém, o governo português, que em todos os estrangeiros, e mesmo nos nacionais, quer descobrir terríveis bokevistas, entendeu que era perniciosa para os interesses do país, a estada do sr. Léo Lapsisky, motivo pelo qual lhe ordenou anteontem, que saísse de Portugal dentro de oito dias.

Vê-se, pois, que o sr. Sá Cardoso, não contente com perseguir os que neste país aspiram a uma sociedade melhor, estende a sua sanha a indivíduos oriundos de outros países e que nada de positivo indica que sejam agitados nem terríveis que só a sua simples presença seja nefasta à ordem burguesa e capitalista.

## Sociedades de Recreio

Grupo "Os Bem Entendidos". — Este grupo realiza o seu passeio anual no próximo domingo, 30, à pitoresca vila do Carizão, sendo o ponto do encontro no Largo do Terreiro das 5 e meia horas prefixas.

A direcção não toma a responsabilidade pelas consequências que advierem a quem não comparecer.

A direcção tem enviado todos os esforços para que o passeio deste ano seja revesado de maiores benefícios do que os dos anteriores, tendo sido confiada a confecção do almoço e jantar a uma das melhores casas da pitoresca vila.

Circo de Chélias. — A direcção faz saber a todos os consócios, que esta antiga colectividade não acabou, antes pelo contrario, progride com maior força e mais vontade, através de toda a prejudicial acção de uma parte minima de antigos sócios, que pretendem abrir a cova a esta agremiação.

Circo Civil de Chélias é um dos mais antigos cirios que visita a Atalaia, onde tem sido sempre bem recebido, sendo um pobre truiz, na aparência e na acção, esse que se destinava a abandonar o fado do circo. Este circo, passando para o Gremio Excursionista Progresso, (sem progresso algum) e dizendo ser o circo de Chélias, não nos devemos deixar confundir, antes pelo contrario, devemos esquecer amarguras e más horas que anteriores delirios nos deram, e seguimos avante, porque na nossa divisa está o bem estar dos nossos sócios, e cumprimento integral dos deveres duma direcção.

## As greves

### Os corticeiros da fábrica Cardoso Jorge

Na sede da respectiva associação reuniu o pessoal grevista desta fábrica, resolvendo tornar publico que não voltou a ter qualquer entrevista com aqueles industriais desde que estes declararam que, muito embora reconhecessem razão aos operários, não podiam dar mais que um centavo em cada volume.

Tratou-se tambem do despedimento dos recorridores que se recusaram a proceder à descarga dum barco em substituição dos descarregadores que se encontravam em luta, despedimento esse da responsabilidade do encarregado, que já se não lembra de que também foi operário.

Na mesma reunião resolveu-se apelar para todos os camaradas corticeiros para que prestem o seu auxilio moral e material: os camaradas em greve para que possam manter o seu movimento, correspondendo, assim, a atitude manifestada por estes em movimento, não só da própria classe como de outras; decidiu mais, protestar contra a intervenção de militares no assunto, os quais têm procedido a embarques e a desembarques e aprovou um voto de louvor à Batalha.

Toda a correspondência e produto de quetes devem ser enviados à Federação Nacional Corticeira.

A direcção da associação previne o Sindicato ferroviário dos grevistas que tem a sua disposição a quantia de 8506, igual quantia tendo tambem a receber os grevistas manipuladores de farinha do Caramujo, produto de quetes, que será entregue mediante recibos devidamente autenticados.

## Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Teve conhecimento esta comissão da prisão arbitrária dos camaradas António Peixe e Cristiano Lima, que se encontram na esquadra do Caminho Novo.

Tomou tambem conhecimento da prisão do camarada José Rodrigues Gama, manipulador de pó, acusado de dar vivas à Revolução Social, encontrando-se no governo civil, no calabouço n.º 3.

Tratou da situação dos restantes presos por questões sociais, entregando o caso do Vale de S. Tiago ao advogado dr. Sobral de Campos.

Esta comissão tomou conhecimento da prisão do camarada Guilherme Praeres, pedreiro, que se encontra no governo civil, há dias, em consequência de uma rusga efectuada no Poço do Bispo, indo tentar saber as condições em que esta prisão foi feita.

Recebeu-se uma extensa comunicação dos presos de Elvas, que foi tomada em consideração.

Do grupo maximalista Lénine e Trotsky recebeu a quantia de 544. Do camaradas Carlos, pedreiro, 110; António Serrano, 130 e José Moreira Afonso, 550. Total 1334.

Continua esta comissão a reunir todas as noites, às 21 horas, na sede da C. G. T., para onde pode ser remetida toda a correspondência e quetes que a favor dos presos sejam efectuadas.

## EM BUCELAS

### Dueto à facada entre dois homens que tiram gravemente feridos

No lugar da Bemposta, cerca de Bucelas uma taberna muito conhecida, e costume, nos domingos, organizar-se um balneario que é frequentado não só pelos rapazes e raparigas da terra como tambem pelos dos lugares circunvizinhos, dando a grande quantidade de vinho e petiscos que vendem e é raro o balneario que não termina por uma desordem séria, uma scena de litros ou facadas em meio de agitação e ruído, provocado pelos vapores do alcohol.

As casas que promovem estas festas fazem entrar em meio de agitação e ruído, provocado pelos vapores do alcohol.

Continuava esta comissão a reunir todas as noites, às 21 horas, na sede da C. G. T., para onde pode ser remetida toda a correspondência e quetes que a favor dos presos sejam efectuadas.

## EM FRANÇA

### Incêndio num acampamento americano

MARSELHA, 21. — Esta manhã ocorreu um grande incêndio no acampamento americano de Miramas. Depósitos de nitratos e de pólvora, Saint Chamas, bem como as proximidades, foram tambem atingidos por fogo. — H.

## As eleições

PARIS, 21. — Ainda não está fixada data das eleições legislativas, mas jornais julgam que se efectuarão em de Novembro. — H.

## O gado das ilhas adjacentes

A bordo do vapor *Funchal* chegou ao Tejo vieram 110 cabeças de gado das Açores, devendo breve chegar em outro vapor mais 150 caças. O governo está providenciando que todo o gado que se encontra arquipélago açoreano para exportação ascenda a algumas centenas de bois, seja quanto antes exportado para o Continente.

## Malas postais

São hoje expedidas malas postais para S. Miguel para a Madeira e para S. Pedro e pelo *Highland Piper* para Funchal, Baía, Rio de Janeiro, Moçambique e Buenos Aires, sendo as últimas tiragens da caixa geral, respectivamente, às 9 e às 12.

## Empresa Metalúrgica Lisboense

De acordo com o pessoal da Empresa, a comissão do mesmo, juntamente com o delegado do Sindicato Unico entrevistou ontem, pelas 11 horas, o representante da Empresa, fazendo sentir o seu descontentamento, por serem atendidas as reclamações por esse.

Esse senhor ficou surpreendido, e que se considera escravo da sua própria, sendo causador deste incidente mestre da officina que, valendo-se das suas habilidades, esperava ludibriar pessoal, o que não conseguiu, pois



## OS QUE MORREM

Faleceram ontem e sepultam-se hoje as seguintes pessoas:

D. Maria Candida Henriques de Almeida, 42  
anos, da avenida Almirante Reis, 78-A; D.  
Isabel Combe de Cantalho.

Carvalho, 16, da estrada de Bemica, 414; D. Emilia Lopes, 35, do hospital da Santa Marta; D. Amelia Pereira dos Santos, 35, do hospital de S. José; D. Genacilda Neves Pereira, 35, do 18.ª Travessa do Armador, 2.º andar, "Francisco" Massador, 35, da rua da Industria, 17, loja; e Luis Duarte, 35, da rua dos Sete Molinhos, pateo do Garrido.

**FUNERAIS**

Realiza-se hoje, 16 horas, o funeral de camarada Luis Duarte, sado e prestivo do Alto dos Sete Molinhos, patio do Garrido, 2, para o cemiterio dos Prazeres.

Realizaram-se ontem os seguintes funerais:

D. Leopoldina Augusta Martins, D. Maria do Rosário, D. Ana Cruz Sarão, D. Conceição Maria Teixeira, D. Maria Santuza Marques; e dos srs. Joaquim Pinto Pereira, José Pedro e Daniel Gonçalves.

**OBITUARIO**

Cadáveres inumados no dia 20 de setembro

bro, no cemitério do Alto de S. João:  
 Maria Adelaide Nobre, 37 a.; Filomena  
 Rosa, 22 a.; Januário Teixeira, 10 a.; Fran-  
 cisco Martins Marques Guerreiro, 18 a.; Ade-  
 ldo dos Santos, 70 a.; Armando Borges  
 de Sousa, 22 a.

Cadáveres inumados no dia 21 de setem-  
 bro no cemitério dos Prazeres:  
 Palmira Martins Serra, 36 a.; Guilherme  
 Quintino Lopes de Macedo Dória, 44 a.;  
 Gabriela de Jesus Silva; Jonquira Rosa,  
 72 a.; João Valente, 51 a.; Manuel de Sou-  
 sa, 30 a.; Etelvino Antônio Ribeiro Bettenc

Cadáveres inumados no dia 22 no cemitério da Ajuda:

Custódia de Jesus da Costa, 18 a.; Carmen Sanches Torres, 72 a.; José Sávio Ferreira, 4 m.; Clotilde da Silva, 5 a.; Joaquim Lourenço Gouveia, 63 a.; Adriana Simões, 7 m.; Zozina de Paiva Amaral, 5 m.; Manuel de Brito, 46 a.; António dos Santos, 38 a.; Mário Costa Pinto, 27 a.

## Objectos achados

A saída do campo de futebol de Benfica, foram encontradas três chaves, uma grande, para fechadura inglesa, e duas pequenas, que entregaremos a quem provar pertencer-lhes.

— Também há dias foi encontrado na rua Nova do Carmo, em frente dos Armazéns Grandela, um saco contendo vários artigos para a manufatura de calçado, que igual-

mente será entregue a quem provar persisten-  
cer-lhe.

◆◆◆

# TEATROS & CINEMAS

Festas artísticas

Nunca entre nós o fado foi cantado como  
antes. A foi ser na festa do Tírio Colhe e  
J. Figueirôa na próxima 2.ª feira 25,  
no Eden, 20 guitarristas acompanharam a  
gentil atriz num delicioso fado original de

## Réclames

Linda música, cenários deslumbrantes, luso e artístico guarda-roupa, pelos céus, luz, magnífico descempenho, originalíssima encenação, boa trupe portuguesa, cenas desolopantes, situações cômicas, diálogo espirituoso, tudo existe na afamada revista *O Pé de melão*, e é por isso que o teatro São Luiz se enche todas as noites, tendo de Lisboa e arredores ali vai e ali vem, são calorosas e as gargalhadas constantes.

—Continuam a ser sucessivas as encenantes, todas as noites, no Apolo, mercê de

—Hoje, no Nacional, repete-se a interessante peca *O encontro*, que ontem foi muito aplaudida.

—Continua agradando ao publico do Edeas, a excelente revista *Aqui d'El-Rei*.

—A companhia Satañella-Amarante termina os seus espectaculos no Politeama, no fim do corrente. Até essa data continuará representando *O Pai Simão*.

—Foi um novo e retumbante êxito a estreia ontem no Avenida a revista *Paz Armada*, que já no Trindade dera casas sob bre casas.

**CARTAZ DO DIA**

O NACIONAL - A's 21 - Première da peça  
O Baconiro.  
O PAZ - A's 21,30 - "O Pê de Meia".  
AVENIDA - A's 21,30 - "Paz Armada".  
revista.  
POLITEAMA - A's 21,15 - "O pai Simão".  
comédia.  
APOLO - A's 21,30 - "Lebre corrida".  
EDEN - Duas sessões - A's 20,45 e 22,45  
com os quadros "Na menina do olho" e  
"Greve geral", ampliando a revista "Aqui  
d'El-Rei".  
COLISEU DOS RECREIOS - Animad-  
grafo variedades.  
SALÃO POZ - A's 20,30 - "Les Santo-Fé-  
ry, Otília de Aragon, Baron Sanchez.

OLIMPIA—Animatógrafo e concerto.  
CINEMA CONDES—Animatógrafo e concerto.  
CHIADO TERRASSE—Animatógrafo e concerto.  
SALÃO DA TRINDADE—Variedades e animatógrafo.  
SALÃO IDEAL—Animatógrafo. —A's 20.30  
CHANTECLER—Animatógrafo, fitas faladas.  
SALÃO DOS ANJOS—A's quintas-feiras, sábados e domingos, animatógrafo.  
CASINO RECREATIVO DO MONTE—A's quintas-feiras e domingos, patinagem, jogos e outros divertimentos.  
PROMOTORA—Espectáculos e concertos aos domingos, segundas e quintas-feiras.

**O TEMPO**  
*Temperatura do ar em 21.*—Lisboa, 17.5.  
 Porto, ?; Coimbra, ?; Madrid, ?.  
*Vento.*—Lisboa, W; Porto, ?; Coimbra,  
 ?; Madrid, ?.  
*Tempo provável hoje.*—Vento moderado  
 dentre NE e NW. Céu limpo ou de algu-  
 mas nuvens.

**Prestitação do capital**  
avisados os srs. acio-  
nistas da 4.ª prestação  
de 20\$00 esc. por acção,  
nos dias 22 e 23 de

nos dias 22 a 29, in-  
mês, em Lisboa na  
Pôrto em casa dos  
mayor, agentes do mes-  
mbro de 1919.

O Director  
Henrique Ferreira  
O Gerente  
E. A. Borde



**O CALVÁRIO**  
POR OCTAVE MIRREAU

III

Já não era o Amor frizado, empastado, enfeitado, que vai desalojado, com uma rosa nos lábios, por noites lindas de luar, tanger a guitarra sob os balcões, era o Amor manchado de sangue, ébrio de perversões, o Amor de fúrios onanistas, o Amor maldito que se enroscou ao homem com a sua gúela em forma de ventosa e lhe dissecava as veias, lhe sugava a medula, lhe descarnava os ossos.

Para dar aos seus personagens maior intensidade de horror, para fazer pesar sobre eles maldições mais irremediáveis, ainda, fazia-os sobressair de fundos suaves, sorridentes, de uma claridade triunfal, de paisagens azues e cor de rosa, com longes entenebrecidos, glorias de sol, radiosas profundezas de mar. Em torções, a natureza resplandecia com to-

da a sedução das suas cambiantes e das suas cores delicadas...

A primeira vez em que ele apareceu, com um grupo de amigos, em uma exposição livre, a crítica e a multidão que a inspirava soltaram clamores de indignação. Mas a colera durou pouco — há uma espécie de nobreza e de generosidade na colera — e contentaram-se com rir. Depressa, a *blague*, que exprime sempre a média da opinião, em um jacto de saliva imunda substituiu a ameaça dos braços estendidos.

Então, diante das obras soberbas de Lirat, torciam-se, segurando as costas com as duas mãos. Gente espiúfosa e alegre depunha *sous* no rebordo das molduras, como se fosse no chapéu de um paralítico, e este *sport* — porque se havia tornado um *sport* — para os homens de melhor gosto e do melhor mundo — achavam-no encantador. Nos jornais, nos *ateliers*, nos salões, nos círculos, nos cafés, o nome de Lirat servia de termo de comparação, de estalido obrigatório, desde que se tratasse de designar uma loucura ou uma porcaria; parecia mesmo que as mulheres — e as meninas também — não podiam pronunciar, sem se ruborizarem, este nome execranda. As revistas do ano arrastaram-no, no vômito das suas coplas, e figurou nas canções de café-concerto.

Depois, destes «centros de inteligência parisiense», passou para as ruas; o seu nome andava nos lábios sujos dos cocheiros, nas bocas crispadas dos vagabundos: «Vá, então, he! Lirat!»

Este pobre Lirat teve alguns anos de popularidade grotesca... Mas tudo cançou, até o ultrage. Paris abandonou a depressa as figuras que ergue sobre o escudo, como os martires que atira aos suplicios, no seu capricho de possuir novos joguetes, e não se demora muito junto do bronze das suas vítimas. Lirat foi esquecido. Apenas, de tempos a tempos, em alguns jornais, vinha um eco do passado, sob a forma de anedota hilariante. De resto, ele tinha tomado a resolução de não mais expor, dizendo:

— Deixem-me em paz!... A pintura fez-se, acaso, para ser exposta? Cada um deve trabalhar para si próprio, para dois ou três amigos vivos e para outros que a gente não conhece e que morrerá... Poe, Baudelaire, Dostoiévsky, Shakespeare... Shakespeare! Entendem? O resto!... Sim! O resto o que é? E Bouquereau.

Tendo de restringir as suas necessidades ao indispensável, vivia do seu pouco com uma admirável e tocante dignidade. Desde que ganhasse para comprar os pinceis, as tintas e as telas, para pagar ao senhorio e aos modelos, para fazer, em cada ano, uma viagem de estudo, não queria mais. O dinheiro não o tentava, e estava convencido de que não aspirava ao sucesso. Mas, se o sucesso fosse ao seu encontro, estava também convencido de que Lirat não podia resistir à alegria humana de saborear as suas malfazejas delicias. Apesar dele não quer convir nisso; apesar de que afectava afrontar alegremente a in-

justiça, sentia-a mais do que qualquer outro, e, no entanto, sofria cruelmente. Como havia sofrido o insulto, sofreu o silêncio. Uma só vez, um crítico publicou a seu respeito, em um jornal muito lido, um artigo entusiasta e pomposo. O artigo estava cheio de boas intenções, de banalidade e de erros; via-se que o seu autor não estava muito familiarizado com as coisas da arte, e que não compreendia nada do talento do grande artista.

— Leste?... gritava Lirat. — Leste, hein? Que dizes?... Estes críticos, que cretinis!... A força de falarem de mim, verás que me obrigarão a pintar em um subterrâneo... Parece que me tomam por um vulgarizador!... E depois, que têm eles com isso? Como eu pinto, faça botas ou sapatos de ouro?... Isto é da vida privada de cada qual!

Tinha guardado o artigo em uma gaveta, e diversas vezes o surpreendi, lendo-o... Ele dizia, com supremo desapego, quando nós nos indignávamos contra a estupidez do público: «Então, que?... Queriam talvez que o povo fizesse uma revolução, por eu pintar em claro?»

Este desdém pela notoriedade, esta resignação aparente, mascarava os seus rancores surdos. No fundo daquela alma muito terna, muito generosa, estavam acumulados ódios formidáveis, que transbordavam sobre toda a gente em gracejos maliciosos e terríveis.

Se o seu talento tinha ganho pouco com isso, em compensação o seu carácter tinha perdido um pouco da sua nobreza original, do seu espírito crítico, da sua penetração e da sua nitidez. Chegava a abandonar-se a exagérios de maledicência, que o podiam tornar odioso; por vezes, eram infantilizadas que lhe davam uma ponta de ridículo.

Os grandes espíritos têm quase sempre pequenas fraquezas: é uma lei misteriosa da natureza, e Lirat não escapava a ela. Tinha sobre tudo bem estabelecida a sua reputação de maldizente. Ele suportava muito bem que lhe desdenhassem o talento, mas que lhe contestassem a propriedade de fazer tremor a humanidade, com uma palavra, isso é que ele nunca poderia tolerar!

Para se vingarem das palavras causticas com que ele os estigmatizava, os inimigos de Lirat atribuíam-lhe vícios contra natureza; outros, simplesmente, alcunhavam-no de epilético, e estas calúnias grosseiras e cobardas, aumentadas todos os dias com comentários engenhosos, entrecortados de histórias «certas» que davam a volta aos *ateliers*, encontravam vontades admiravelmente dispostas para as acolher e para as espalhar, esta pelo próprio rancor, aquela pelas incongruências de linguagem do pintor.

— Sabem?... Lirat teve ontem um ataque; desta vez foi na rua.

E citavam o nome de pessoas respeitáveis, de membros do Instituto que haviam assistido à cena e que o tinham visto salivando espuma ou rolar-se na lama, ladrando.

Devo confessar que eu próprio, no começo das minhas relações com ele,

**MAQUINAS DE ESCREVER**  
Unica oficina no pais devidamente montada para as suas reparações e reconstruções  
**PRAÇA LUIZ DE CAMÕES**  
(Esquina da Rua do Mundo)  
583 TELEFONE — 3.066-0.

**OURO!!!**  
Mais barato e não se paga feitiço... **Só milagre!!! OURO**  
Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.  
Há sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feitiço.  
4 e 12, R. da Palma, 4 e 12  
Junto à Casa das Galoias  
TELEFONE 3676

**Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleocalcina**  
Farmácia Formosinho  
Praça dos Restauradores, 18  
Lisboa 476

**MAQUINAS DE ESCREVER**  
Unica oficina no pais devidamente montada para as suas reparações e reconstruções  
**PRAÇA LUIZ DE CAMÕES**  
(Esquina da Rua do Mundo)  
583 TELEFONE — 3.066-0.

**OURO!!!**  
Mais barato e não se paga feitiço... **Só milagre!!! OURO**  
Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.  
Há sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feitiço.  
4 e 12, R. da Palma, 4 e 12  
Junto à Casa das Galoias  
TELEFONE 3676

**Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleocalcina**  
Farmácia Formosinho  
Praça dos Restauradores, 18  
Lisboa 476

**Conselho de Administração da Construção dos Bairros Sociais**

Para o fornecimento dos materiais abaixo designados, o C. A. C. B. S. recebe propostas, em carta fechada, até às 14 horas, de 29 do corrente, na sua sede, rua do Arco do Cego, 54-A.

Na Secretaria do Conselho estão patentes as condições do fornecimento e detalhes respectivos das 11 a 17.

**MATERIAIS**

45.000 quilos de Cimento Asland (em barricas).	8" n.º 3
10 alcotas de prego quadrado	6" n.º 5
60 " " " " " "	5" n.º 7
100 " " " " " "	1" telhado
250 " " " " " "	galocha
150 " " " " " "	1/2 galocha
240 " " " " " "	seta
150 " " " " " "	saquiado 5
20 " " " " " "	
20 " " " " " "	

528 peças de cantaria, sendo: 80 vergas, 460 peitoris, 128 charrornos, 128 floreiras, 32 degraus.

Na Secretaria fornecem-se os desenhos respectivos.

1.000 m <sup>2</sup> de cascalho ou brita	500 m <sup>3</sup> de areia
1.000 m <sup>3</sup> de pedra de alvenaria	

Todos os materiais serão colocados na sede do 1.º Bairro Social, Quinta das Côrtes, Rua do Arco do Cego, devendo os fornecedores declarar nas suas propostas o prazo da entrega.

A abertura das propostas far-se há na presença dos concorrentes, no dia e hora acima indicados.

Pelo CONSELHO.—O Vogal de Serviço, (a) Alfredo Franco.

**Tintas Lacadas**

**RIPOLIN**  
MARCA REGISTRADA

**À venda em todas as drogarias =**  
DEPÓSITO GERAL:  
**Charles Creange**  
159, Rua dos Douradores, 1.º E. — LISBOA  
TELEFONE CENTRAL 616

**Boa ocasião de comprar barato**  
Só na SAPATARIA BRASIL ou ROYAL na  
Rua da Madalena, 206 a 208 e 210 a 212  
é que todos devem comprar o seu calçado com economia e bom acabamento  
**SEMPRE SALDOS!**  
Sortimento de calçado para homem, senhora e criança  
**DESCONTOS A TODOS OS OPERARIOS**

**"A Batalha" Chapelaria A SOCIAL**  
(Hino revolucionário)  
Música do maestro Tomás do Negro e letra do poeta operário João Black  
Um lindo folheto com capa artística, 10 centavos.  
A' venda na administração de A. Batalha.

**Comp. Caminhos de Ferro Portugueses**  
Sociedade Anónima.—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

**Horário dos comboios**  
7.º aditamento ao cartaz-horário D 151

Prove-se o público de que, no próximo dia 14, inclusive, em diante, o serviço de comboios nas linhas desta Companhia será o anunciado no cartaz-horário D 151 de 2 de Abril de 1910 e nos seus aditamentos, com as seguintes modificações:

Linhas de Leste—Comboio n.º 5—De Lisboa-Rocio a Entrancamento. Começa a circular no dia 15. Comboio n.º 22—De Entrancamento a Lisboa—Começa a circular a circular no dia 16.

Linhas de Leste e ramal de Cáceres—Comboio n.º 102—De Valência da Alcantara a Entrancamento. Começa a circular no dia 16. Comboio n.º 103—De Entrancamento a Valência da Alcantara. Começa a circular no dia 15. Comboio n.º 104—De Abrantes a Badajoz—Começa a circular no dia 16. Comboio n.º 105—De Badajoz a Abrantes—Começa a circular no dia 15.

Linhas da Beira Baixa—Comboio n.º 102—De Guedes a Entrancamento. Comboio n.º 103—De Entrancamento a Guarda. Começa a circular no dia 15.

Tramways da linha de Cintra—Comboio n.º 1301—De Lisboa-Rocio a Cintra—Começa a circular na noite de 14 para 15. Comboio n.º 1302—De Lisboa-Rocio a Sintra—Começa a circular no dia 14. Comboio n.º 1303—De Sintra a Lisboa—Começa a circular no dia 15.

Tramways da linha de Sintra—Comboio n.º 1302, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes—Sintra, pádua, 6-10; Alqueire (apend.), 6-17; Merces (apend.), 6-21; De Moura (apend.), 6-24; Caceres, 6-28; Barcarena (apend.), 6-37; Queluz, 6-45; Amadora, 6-48; Damia (ap.), 6-52; Benfica, 6-55; S. Domingos (ap.), 6-58; Cruz da Pedra (apend.), 7-01; Campolide, 7-05; Lisboa-R., chegada, 7-12.

Notas importantes: Os comboios regulares de mercadorias, anunciados no cartaz-horário D 151, passam a ser considerados como suplementares, deixando, por isso, de fazer serviço de passageiros, com excepção, apenas, dos comboios n.ºs 220 e 209, que voltarão, desde 15 do corrente, a fazer serviço de passageiros de 3.ª classe no percurso entre Alfaiates e Gaia.

O presente anúncio substitui o 6.º aditamento publicado em 4 do corrente ao cartaz-horário D 151 acima citado.—Lisboa, 11 de Setembro de 1910—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

**"A ABASTECEDORA"**  
Companhia Portuguesa — Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, em organização  
Capital inicial: QUINHENTOS MIL ESCUDOS (500 contos)  
Podendo elevar-se até dez milhões de escudos (10.000 contos) em acções liberadas de esc. 10800  
Sede provisória: R. Nova do Almada, 95, 2.º — LISBOA

Esta Companhia destina-se especialmente à venda ao público, em todo o país, em estabelecimentos próprios e nas suas agências, de todos os géneros de primeira necessidade, pelos mais reduzidos preços, a fim de conseguir a redução do custo da vida.

Acceptam-se pedidos de acções, sujeitos a rateio, até 15 de Outubro. Envia-se gratis o programa a quem o pedir.

**A BATALHA**  
encontra-se à venda em todas as tabacarias e quiosques.

**DINHEIRO A MODERADA**—Empréstimo sobre joias, ouro, prata, papeis de crédito, mobília, etc. Compra-se sucata de ouro  
Vende-se calçado de toda a qualidade mais barato e mobílias  
Compram-se cautelas dos Monte-pios Geral e Comercial  
**COMPRA-SE E VENDE-SE OURO**  
RUA ALVES CORREA, 171-173 — (Frente R. Carrião) — TEL. 3.258  
**BENTO, SILVA PINTO, L.**

**Brevemente**  
**NOTAS & COMENTÁRIOS**  
per Perfeito de Carvalho

**Comp. Caminhos de Ferro Portugueses**  
Sociedade Anónima.—Estatutos de 30 de Novembro de 1894  
AVISO AO PÚBLICO

2.º aditamento à tarifa especial n.º 14—Pequena velocidade—Estacionamento de vagões postos pelos expedidores a disposição do Caminho de Ferro

A partir de 20 do corrente a 5.ª das condições particulares da tarifa especial n.º 14 de P. V. em applicação desde 30 de Janeiro de 1910 fica substituída pelo seguinte:

3.ª—Taxa de estacionamento de vagões: a) Vagões carregados, \$50 por vagão e período individual de 24 horas; b) Vagões vazios, \$40 por vagão e período individual de 24 horas.

Em tudo quanto não seja contrário às disposições do presente, ficam em vigor as condições da tarifa especial n.º 14 de P. V., bem como do seu aditamento.

Lisboa, 8 de Setembro de 1910.—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

**Quereis fazer economias?**  
**COMPRA NA Louçaria do Póço Novo**  
Louças esmaltadas, vidros, jarras, candieiros, faianças, porcelanas, etc., etc.  
Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.  
Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

**Apesar dos preços resumidos**  
marcados nos artigos, os leitores de "A Batalha", tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

**Satisfazem-se encomendas para a provincia — ilhas e colónias —**  
Largo do Póço Novo, 22 — Lisboa  
(Junto da C. do Combro, defronte da Palmeira)

**Minha Defesa**  
por Jorge Etievant  
Auto-defesa do autor no tribunal, é uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.  
Pedidos desde já à administração de A. Sampaio, Cais do Sodré, 88, ou na administração deste jornal.  
Cada exemplar, 5 centavos.

**Jesus na Guerra**  
O mártir de Golgota volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária, há perto de dois mil anos efectuada. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo recomeça predicando a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o compreendem. E Jesus morre, uma segunda vez, no apostolado do sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adrian del Valle, fantasia concebida em intuitos de evangelização revolucionária e emancipadora.

**Jesus na Guerra**  
tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

Um elegante volume, artisticamente agasalhado na capa, claramente impresso, bom papel.

**PREÇO \$50 centavos**  
A' venda na administração de A. BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

**RAZÃO**  
(Poemeta social)  
O inteligente operário gráfico Alfredo Neves Dias compôs um interessante poemeta social, cujo produto líquido reverte a favor do jornal A Batalha. Trata-se de uma pequenina obra, inspirada e sincera, tecnicamente perfeita, que se lê com agrado, pelas suas passagens atraentes.

**RAZÃO**  
que se apresenta modestamente tem contido um real valor.  
Um folheto impresso em magnífico papel.

**PREÇO \$05 centavos (50 réis)**  
A' venda na administração de A. BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

**A Rússia Nova**  
por Henriette Roland  
Introdução de Perfeito de Carvalho

O sumário desta utilíssima brochura dá já uma ideia do seu valor. Trata ela da «Constituição actual da Rússia». Estudo de um novo regime social. Os Soviets e a sua obra. — Abolição da propriedade privada e reforma agrária. — Os serviços de instrução na Rússia. Os factos principais ocorridos no primeiro ano da ditadura proletária vigente na Rússia são aqui amplamente estudados, sobre textos de Oulianoff (Lénine), de Lunatcharsky e de outros vultos proeminentes da República dos Soviets. Toda a legislação do regime novo é analisada no seu aspecto essencial.

Uma bela brochura de 32 páginas, composição compacta, capa a cores.

**PREÇO \$10 centavos**  
A' venda na administração de A. BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

**Fósforos**  
Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:  
No norte do País, aos Revendedores Gerais:  
**Rives Macedo & Borges, S.ª**  
67, Rua do Bomjardim, 69 — PORTO  
No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:  
**Nogueira Marques & C.ª**  
Rua da Alfândega, 92 — LISBOA  
sendo os preços por caixa de 3.600 caixinhas (25 grozas):  
Fósforos de enfeite 36\$00 ou \$01 por caixinha; ditos Amoris, 72\$00 ou \$02 ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02 ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00 ou \$3 por caixinha, com o desconto legal de 10/100, seja qual for o número de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidos à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua da Alfândega, 92 — LISBOA